



## FOUCAULT E EPICTETO: UMA BREVE EXPOSIÇÃO SOBRE O SUJEITO-OUTRO NA CONSITUIÇÃO DE SI

*Vilmar Prata – UFS/CAPES*

O problema do sujeito, para Foucault, tornou-se, assumidamente pelo próprio filósofo, prioridade em seus trabalhos, tendo sua principal questão filosófica de maior destaque e relevância sido problematizada a partir de 1981, quando em seus cursos e escritos, passou a discutir fortemente os variados processos de constituição que levaram, e ainda levam, o indivíduo à condição de sujeito. Pautando-se em discursos atravessados por jogos de *saber-poder*, Foucault trabalha no enviesamento da vontade de verdade em consonância com a subjetividade das relações supostamente estabelecidas entre sujeitos. Pensar o sujeito neste sentido, passou a ser uma tarefa urgente e criteriosa, na qual o filósofo mergulhou corajosamente e buscou, a partir de então, todos os recursos teóricos do pensamento antigo que fossem pertinentes ao seu interesse filosófico.

Tal viés movimenta a história do ocidente desde os gregos, passando pelos helenísticos, reverberando no cristianismo e resultando em desdobramentos significativos que mudaram o modo pelo qual o sujeito olha tanto para si quanto para o *outro* na cultura moderna. Mas quem seria esse *sujeito-outro* identificado por Foucault e rastreado em suas pesquisas desde a antiguidade? Ele vai nos dizer que

Se podemos identificar facilmente na cultura moderna esse outro, cujo estatuto e cujas funções seria sem dúvida necessário analisar mais precisamente, esse outro indispensável para que eu possa dizer a verdade sobre mim mesmo, seja ele o médico, o psiquiatra, o psicólogo, o padre, em compensação na cultura antiga, em que no entanto sua presença é perfeitamente atestada, é preciso reconhecer que seu estatuto é muito mais variável, muito mais vago, muito menos nitidamente recortado e institucionalizado. Esse outro tão necessário para que eu possa dizer a verdade sobre mim mesmo, esse outro na

cultura antiga pode ser um filósofo de profissão, mas também qualquer um. (FOUCAULT, 2011, p. 7)

Essa variação do *sujeito-outro* que Foucault identifica sob a ótica desses dois modelos: o institucional, pertencente ao mundo moderno e o *outro* livre de qualquer encargo ou obrigação institucional, mas que, em contrapartida, seu comprometimento com a verdade de si e do *outro* está vinculado à responsabilidade de se constituir enquanto sujeito com e a partir das relações estabelecidas para além de seu próprio *eu*, torna-se para Foucault um ponto de bifurcação capaz de revelar com mais detalhes as práticas que dividem esses dois tipos de *sujeito-outro*: um que tem compromisso com as regras institucionais e muitas vezes vive em função delas, e o *sujeito-outro* que toma como compromisso a verdade de si que se estabelece a partir de um *ethos* que vai além das relações interpessoais, um *ethos* universal e agregador.

Esse modelo de *sujeito-outro* vislumbrado na cultura moderna, parece trazer aos poucos um novo modo de pensar o sujeito em esferas estritamente institucionais que foram se constituindo ao longo dos séculos, como os presídios, as clínicas psiquiátricas, os hospitais, as escolas, as igrejas, enfim, todo tipo de instituição que nasceu justamente do interesse do sujeito em se constituir, que, conforme o próprio filósofo vai constatar em trabalhos anteriores, que com o passar do tempo, tornaram-se lugares de controle disciplinar desses respectivos sujeitos, estabelecendo relações de *saber-poder*, que por muitas vezes se fizeram tensas e opressoras. Não que nas relações greco-romanas não houvesse esse jogo de *saber-poder*, mas era menos tensionado por não está vinculado a uma instituição, propriamente dita, aos moldes do que viriam surgir anos mais tarde, e, mais ainda, o compromisso maior era com a constituição de si a partir do interesse do indivíduo pela verdade, que, de modo algum, estaria desvinculada do universo.

Algo que chama a atenção de Foucault desde o início de suas indagações sobre o sujeito é que, sem exceção, nenhum indivíduo se constitui por si só, ou seja, a constituição de si está diretamente ligada ao *outro* e vice-versa. Apesar de ser um exercício de si sobre si, uma conversão a si, o indivíduo só consegue fazer esse caminho com êxito mediante a voz e o olhar orientador do *outro*, que, geralmente, trata-se de alguém capaz de orientar neste processo. Alguém que, já traz consigo uma bagagem de experiências adquiridas ao longo do tempo e dos espaços que ocupou nesse tempo. Um sujeito que, quase sempre possui idade razoavelmente avançada e que, de fato vive o que pensa e o que ensina, ou seja, que sua vida prática cotidiana esteja em afinamento

com o que ensina. Alguém que seja exemplo para quem quer aprender a se constituir, tanto em palavras como em ações, este alguém, é chamado, portanto, de sábio, ou filósofo.

Se para os gregos essa relação do homem sábio, do filósofo com um aprendiz já era usualmente estabelecida e praticada conforme os costumes próprios da Grécia antiga, tendo passagens emblemáticas das quais Foucault toma alguns recortes para pensar questões relacionadas ao governo de si e do outro, ao cuidado de si e do outro e o conhecimento de si, como Sócrates e Alcebiades por exemplo. Mesmo que, levando em consideração que para os gregos não se tinha essa ideia de sujeito que Foucault se interessa e toma enquanto deslocamentos que fazem do indivíduo um sujeito a partir de sua constituição enquanto alguém que olha para si e se subjetiva. No helenismo, no entanto, essa relação que podemos chamar de mestre-discípulo não mudou muito no que diz respeito ao mestre que instrui alguém que quer ser instruído à luz da filosofia.

Haja vista que o foco aqui não é discutir o que mudou na relação mestre discípulo dos gregos aos helenistas, como por exemplo, a relação de amizade erótica comum entre o filósofo e seu aluno nos gregos e que foi desconsiderada pelo helenismo, bem como o interesse político primevo em aprender com o mestre em como governar a *polis*, deixando o cuidado de si em segundo plano pelo jovem interessado, já que, o interesse era exclusivamente o conhecimento de si para governar o *outro*, e, muitas vezes, o cuidado de si era negligenciado. Evidentemente, as escolas helenistas souberam, de modo geral, absorver muita coisa dos gregos que veio a corroborar para estruturar as práticas e técnicas mais eficazes de se constituir enquanto sujeito ético e sujeito de verdade, que, assume o próprio *eu* como prioridade nesse processo de constituição de si, processo este, que, aliás, só tem fim com a própria morte, e que, para além disso, um *eu*, que não está escondido dentro de si e deve ser descoberto, mas um *eu* que se constitui a cada dia, nas práticas e técnicas ensinadas pelo mestre.

Uma coisa ficou clara para Foucault em relação à ideia de constituição de si já no estoicismo, destacando o *outro* como mediador desse movimento para dentro de si, vale destacar que não é só o *outro* enquanto mestre que possui lugar de destaque, mas também o *outro* enquanto discípulo, uma vez que, ambos aprendem juntos, se constituem juntos, pois o mestre também, ao orientar seu discípulo é impelido a repensar sua própria vida à luz da questão levantada e apresentada pelo discípulo. Foi

exatamente o que ele fez questão de destacar: a relevância do *outro* na constituição de si a partir de uma gama de saberes, que ao serem tomados como lanternas a iluminar esse caminhar, tornam-se preponderantemente também ferramentas de poder. Tão complexo é esse jogo, que Foucault vai afirmar que

Os saberes estudados na especificidade de sua verificação, as relações de poder, estudadas não como uma emanção de um poder substancial e invasivo, mas nos procedimentos pelos quais a conduta dos homens é governada; e enfim os modos de constituição do sujeito através das práticas de si. (FOUCAULT, 2011, p. 10)

Foucault acaba por notar que esse *outro* não se resume em *sujeito-mestre* e *sujeito-discípulo*, ao se deparar com Epicteto, a ideia de *outro* se estende ao universo, ao cosmos, uma vez que, Epicteto vai considera todo o universo, sem desconsiderar qualquer ser vivo como este *outro* que deve ser cuidado e deve cuidar, mais ainda, devem estar focados em algo comum a todos, o próprio bem, e esse próprio bem não se adquire sozinho, mas mediante o bem de todos. Foucault vai destacar que esse vínculo se dá a partir de dois eixos, porém nos interessa destacar apenas um neste momento, ele vai averiguar que

A concepção estoíca do homem como ser constituído enquanto sujeito, facilmente a encontramos exposta em vários textos. Tomaremos Epicteto como exemplo. Em Epicteto, a concepção do vínculo entre cuidado de si e cuidado dos outros desenvolve-se em dois níveis. Primeiramente, em um nível natural. É a concepção do vínculo providencial. Com efeito, diz Epicteto, a ordem do mundo está de tal sorte organizada que todos e quaisquer seres vivos (animais, homens, pouco importa) buscam, todos eles, seu próprio bem. (FOUCAULT, 2006, p. 240)

Neste sentido, Foucault não deixa passar despercebido a relevância da natureza para os estoicos, a importância desse tema para Epicteto é tão forte, ao ponto do universo ser considerado por ele, como um *outro* a ser cuidado, um *outro* que cuida. Sem o *cosmos* não existe homem e mulher, é inviável a constituição do indivíduo em sujeito. Não basta apenas a relação interpessoal entre os homens, não basta a relação *mestre-discípulo*, como era o foco central dos gregos, no estoicismo, surge este novo *outro* que deve ser considerado, cuidado e governado a partir da persuasão e jamais pela imposição, com tanto zelo quanto se cuida e se governa a si e ao *outro*.

Epicteto compreende este universo como extensão desse indivíduo que se constitui enquanto sujeito, mas não um sujeito isolado, estritamente político, mergulhado nas relações de *saber-poder*, ao contrário, um sujeito que se constitui,

primeiramente, conforme a natureza, se compreende conforme este cosmos, e, a partir dessa compreensão, olha para si e para o *outro* no sentido de um governo que vai elencar o bem comum de todos e a todos. Este bem compreendido como a verdade pautada por um *ethos* que garante a preservação de uma *vida feliz*, sem exceção, porque todos são importantes e dignos de cuidado, com suas respectivas responsabilidades de também cuidar do outro.

Assim, o si e o *outro* se desenrolam em uma dinâmica de governamentalidade na qual Foucault manifesta suas inquietações, ao se dispor a apresentar um diagnóstico do sujeito da atualidade. Nesta esteira, minha proposta é fazer um recorte sobre as aulas de *A Hermenêutica do Sujeito*, ministradas no Collège de France no período de 1981 a 1982, na qual encontramos uma análise minuciosa sobre a constituição do sujeito tomando alguns pensadores gregos e helenísticos. Gostaria, portanto, de destacar em específico, neste trabalho, o olhar foucaultiano para Epicteto, o filósofo do pórtico, a fim de problematizar as possibilidades de constituição de si nos tempos atuais à luz das orientações epictetianas visadas por Foucault e, para além dessa reflexão, questionar se existem de fato essas possibilidades.

## Referências

DINUCCI, Aldo. **A relação entre virtudes e vícios e paixões boas e más no estoicismo.** *Journal of Philosophy*, n. 30, 2019. p. 319-332

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si.** In: *O que é um autor?* Tradução de Eliza Monteiro e Inez Autran Dourado Barbosa. Lisboa: Passagens, 1992, p. 129-160.

\_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do Sujeito.** Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006

\_\_\_\_\_. **O governo de si e dos outros.** Curso no Collège de France (1982-1983). Trad. Eduardo Brandão. Ed. Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **A Coragem da Verdade.** O governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France (1983-1984). Trad. Eduardo Brandão. Ed. Martins Fontes, 2011.